

COMPREENDER, AGIR, MUDAR, INCLUIR: Papel da Escola na Inclusão de Alunos com Deficiência intelectual Leve

Rejane Maria da Silva Farias¹; Carla Valéria Ferreira Tavares²; José Claudio Agra dos Santos³; Tatiana Carla Rabelo Menezes Aragão⁴;

Inaldo Jerfson Sobreira da Silva¹

¹ Mestranda do Programa de pós-graduação em Ensino de Ciências e Educação Matemática pela Universidade Estadual da Paraíba – UEPB/ CCT, e-mail: rejane.silvarms@hotmail.com

² Mestranda do Programa de pós-graduação em Ensino de Ciências e Educação Matemática pela Universidade Estadual da Paraíba – UEPB/ CCT, e-mail: carmem189@hotmail.com

³ Especialista em Práticas Pedagógicas Interdisciplinares pela Universidade Estadual da Paraíba – UEPB, e-mail: agra-santos@hotmail.com

4. Especialista pela Universidade Federal de Pernambuco – UFPE, email: Tatyrabelo@hotmail.com

¹ Professor do Núcleo de Formação Docente – NFD pela Universidade Federal de Pernambuco – UFPE/ CAA, e-mail: inaldo.fisica@gmail.com

RESUMO: Esta pesquisa tem por objetivo descrever e analisar a interação social entre alunos das primeiras séries do Ensino Fundamental com alunos que apresentam deficiência intelectual leve, em uma escola do campo da rede pública de Ensino da cidade de Tuparetama-PE. Para essa análise foram aplicados testes com perguntas onde os alunos pudessem apontar suas concepções sobre a integração de alunos com deficiência intelectual leve em sala de aula. Os resultados obtidos não são muito diferentes do que mostram as pesquisas a nível mundial, revelando que pessoas com deficiências no geral são menos aceitas e são mais rejeitadas do que pessoas dentro dos padrões de normatividade, passando a maior parte do tempo de recreio sozinhos, demonstrando dificuldades para iniciar, manter e finalizar os contatos sociais com os colegas. Muito embora também se perceba que quanto mais idade as crianças adquirem mais essas diferenças acabam ficando visíveis.

PALAVRAS-CHAVE: Inclusão, Educação, Interação social.

INTRODUÇÃO

Direito constituído mundialmente como um dos mais primordiais da formação humanos, a educação, é necessária a todos os indivíduos que convivem em sociedade, e aos demais direitos interligados, uma vez que através da educação se adquire o senso crítico e formador.

Contudo, percebe-se que tendo a educação essa missão de agregar e contribuir para a formação crítica dos seres, ela por diversas vezes segrega e separa muito mais do que agrega. A própria escola é responsável por separar o que é diferente de quem segue o padrão de

normatividade, desde o ensino fundamental ao ensino superior, a escola discrimina e exclui pessoas e grupos sociais.

A pesquisa tem como base uma reflexão sobre o papel da escola na formação do aluno com deficiência intelectual, nas primeiras séries do Ensino Fundamental I, bem como analisar como essa instituição o trata diferentemente de indivíduos (não estigmatizados), uma vez que, a escola delimita espaços, segrega e institui.

Quando se trata de crianças se percebe uma simplicidade nos atos e nas falas que necessitam ser aprimoradas com saberes reais sobre os fatos para que assim não venham a se converter numa forma de preconceitos contra o diferente. Para Lopes (2008) antes de se identificar um deficiente ou diferente, a criança convive com a idéia de normalidade e assim se percebe, no o olhar o outro que a nomeia e a inscreve como portadora de uma falta ou de um excesso, e mais que isso, a encaminha para o universo dos anômalos (LOPES, 2008, p. 03).

Dentro dessa perspectiva a pesquisa apresentará tipos de interação entre as crianças com quadro cíclico de deficiência intelectual, as que não apresentam o quadro e os professores, em turmas do Ensino Fundamental I, na diagnose por meio da observação de como estão lidando com a inclusão.

A pesquisa foi desenvolvida uma escola de zona rural do município de Tuparetama-PE, por se tratar do ponto de encontro entre todas as crianças oriundas desses vínculos de amizades e de socialização, uma vez que residem em comunidades distantes umas das outras e utilizam a escola como único local de encontro.

Nesse contexto, foram verificadas quais as interações dos alunos sem nenhuma deficiência com os de inclusão, bem como a preocupação dos professores com relação a planejar estratégias para unificar suas salas de aula o mais justo possível. As observações ocorreram com o maior cuidado, a fim de evidenciar se havia nas suas falas e gestos dos alunos não estigmatizados, intenções de incluir os colegas em suas atividades normais, como também, visualizar a didática do professor em buscar sempre desmistificar questões errôneas em relação às deficiências que em muitas vezes são apenas fruto de pensamentos preconceituosos produto da falta de informação.

A escola é uma ferramenta que empondera na categorização das sociedades, os ambientes sociais são na maioria das vezes caracterizados dentro dos espaços escolares, e assim essa tem a missão de amenizar essas diferenças e não enaltecer os estigmas¹ que representa uma ideologia de

¹ Estigma é definido como o traço de um grupo ou indivíduo – perceptível ou não no primeiro momento – que não é característico dentro daquilo encarado como normal. Quem carrega esse traço, essa marca, encontrará dificuldades na



inferioridade, racionalizando algumas vezes uma animosidade² baseada em outras diferenças, tais como as de classe social.

No que se refere ao estigma Goffman (1988, apud MANNING 2000) apontam que a sociedade estabelece meios que categorizam as pessoas, divide as qualidades e defeitos de todos levando em consideração o que fazem de comum e o que tem de diferente, isso acaba diferindo o normal do que não se enquadra nesse perfil, e essa sociedade acaba instituindo o que é certo do que é errado.

O PAPEL DA ESCOLA NA INCLUSÃO SOCIAL DE ESTUDANTES COM NECESSIDADES ESPECIAIS

A história da organização da sociedade humana é caracterizada por criações e re-criações de situações que visam melhorar a qualidade de vida de todos os seres, que na maioria das vezes se busca uma maneira mais justa e eficaz de melhorar e fazer valer os direitos adquiridos por todos.

Entretanto, essa sociedade organizada indica de maneira implícita ou explicitamente intenções de re-inventar situações no contexto social, mudar algo ou de melhorar o que não equivale à sua totalidade.

Diante essa realidade social, o ser humano constrói sua identidade nas relações que estabelece consigo mesmo e com os outros seres, ao mesmo tempo em que transforma a sociedade e por ela é transformado. Segundo Brandão (1990), o termo identidade é utilizado para expressar, uma singularidade construída na relação com outros indivíduos, logo:

Os acontecimentos da vida de cada pessoa geram sobre ela a formação de uma lenta imagem de si mesma, uma viva imagem que aos poucos se constrói ao longo de experiências de trocas com outros: a mãe, os pais, a família, a parentela, os amigos de infância e as sucessivas ampliações de outros círculos de outros: outros sujeitos investidos de seus sentimentos, outras pessoas investidas de seus nomes, posições e regras sociais de atuação (Brandão, 1990, p. 37).

interação social com os demais, pois, na visão dos 'normais' (não estigmatizados), o estigmatizado perdeu qualquer tipo de atributo ou qualidade, sendo aquela marca definidora do seu caráter. (Goffman, 1988, p. 77).

² Animosidade refere-se à má disposição do espírito de um indivíduo contra alguém ou alguma coisa, podendo também ser expresso por malquerença. Disponível em: < <https://www.lexico.pt/animosidade/> >.



Numa sociedade marcada por enormes conflitos e desigualdades socioeconômicas e culturais como a nossa, a escola desempenha um papel fundamental na promoção dessas condições. Para Boneti (1997) “sua importância consiste tanto no que se refere a formação do indivíduo, através da apropriação do saber, quanto na criação de um espaço real de ação e interação que favoreça o fortalecimento e o enriquecimento da identidade sociocultural”.

Partindo desses pressupostos, a pesquisa não realizará um retrospecto da educação inclusiva no mundo, fará apenas, um breve estudo a respeito de como a escola, instituição social pode e deve intervir no meio social para colaboração da formação crítica dos seres nela inseridos.

Espaço social de formação e de informação a escola propicia métodos de aprendizagem de conteúdos e de práticas educacionais que favorecer a inserção dos indivíduos nas questões ínsitas à sociedade, tendo como referencial o bom senso e a capacidade de ler, de interpretar e de se posicionar eticamente diante a diversidade das intenções apresentadas, em um universo cultural amplo e complexo.

Entretanto esse universo cultural é responsável, por uma parte nas diferenças de gêneros e nas desigualdades sociais. Tradicionalmente, a escola, é uma instituição de disciplinamento, oferece uma educação formal, e se incumbiu de separar e de selecionar os sujeitos; de modo que, quem faz parte dessa instituição, era e ainda é visto como sujeito privilegiado. Porém, quem não tem acesso à educação escolar é como se estivesse de fora, automaticamente excluído das oportunidades de ascensão social; tornando-se, alguém diferente, classificado como à normose³ das instituições sociais.

As escolas se constituíram segundo Louro (2012), como sendo instituições que classificam e confirmam hipóteses criadas pela sociedade, levando em consideração:

O que é defendido e disseminado no âmbito educacional acaba por virar verdade instituída e, portanto, praticamente inquestionável. Todavia, se voltarmos um olhar mais atento para as escolas, elas nos mostrarão que todos os processos educativos sempre estiveram - e estão - preocupados em vigiar, controlar, modelar, corrigir, construir os corpos e as ideologias de meninos e meninas, jovens, mulheres e homens (LOURO, 2012, p.45).

³ Significado da expressão “normose” – Conjunto de normas, conceitos, valores, estereótipos, hábitos de pensar ou agir, que são aprovados por consenso ou pela maioria em uma determinada sociedade e que provocam sofrimento, doença e morte. Fonte: *Revista Online Super Interessante* – por Carolina Bergier. Disponível em: <<https://super.abril.com.br/saude/a-doenca-de-ser-normal/>>

Nesse sentido, a escola afirma o que cada pessoa deve fazer para ser bem aceita dentro da sociedade, de forma a segregar e a instituir o indivíduo. Ordinariamente, ela separa quem é pequeno de quem é grande; quem é menino de quem é menina; quem é inteligente de quem é menos inteligente e faz questão de evidenciar essas e muitas outras diferenças de ordem ao longo do tempo.

Com base nessa prática sistemática das ordens e das normalidades, a mesma transmite saberes, veicula disciplinas e imanta valores que reproduzem a evidência de que os grandes historicamente se sobressaíram aos pequenos, de que os fortes suplantaram os frágeis e de que as mulheres sempre foram relativamente incapazes diante dos homens.

No que concerne às questões de inclusão se percebe que as pessoas com deficiências carregam um estigma muito forte, tendo que ultrapassar fronteiras e lutar por uma aceitação social, uma luta muito árdua e que acaba fragilizando os seres. O estigma acaba se interpondo, atualmente em diversas situações não somente nas questões incitas a inclusão, uma vez que, internamente lutamos por uma “normalidade” e padrões sociais que cobram um enquadramento os processos que visão a normalidade como o desejável para todos. Nesse enfoque, podemos entender a análise de Goffman (1988) quanto ao estigma imposto pela sociedade,

Acredita-se que alguém com estigma não seja completamente humano. Com base nisso, fazemos vários tipos de discriminação, através das quais efetivamente e, muitas vezes sem pensar, reduzimos suas chances de vida. Construimos uma teoria de estigma, uma ideologia para explicar a sua inferioridade e dar conta do perigo, racionalizando algumas vezes uma animosidade, baseada em outras diferenças, tais como as de classe social (GOFFMAN, 1988, p. 8).

Um dos desafios da educação inclusiva, sem dúvida, é desrotular esse estigma plural, de modo que se apresentem políticas educacionais que combatam o preconceito e reforcem que, perante a lei todos são iguais em direitos e deveres e deve igualmente ter suas singularidades respeitadas uma vez que, não existe esse padrão de normatividade que prega a sociedade, tão pouco existe uniformidade entre os seres.

Outro ponto de discussão são os planejamentos pedagógicos das escolas, que devem ser executados de forma a considerar essas singularidades, com isso tornando o ambiente educativo cada vez mais diverso, o que só faz com que todos ganhem com uma educação inclusiva diferenciada.

Ainda na perspectiva de uma educação inclusiva com um currículo diferenciado, se faz necessário, um ensino construtivista, é comum a abordagem de um ensino tradicional nas salas de aulas, que promovem uma competitividade entre os envolvidos que é típico do sistema capitalista,

quem tem mais acaba sendo superior a quem tem menos. Assim sendo, o currículo mostra-se limitado e não proporciona uma interação nas relações que se estabelecem entre professores/alunos; aluno/professor e alunos/alunos (FREIRE, 2011).

Portanto, é necessário que a educação seja mais humana, que carregue consigo muito mais que fórmulas ou/e conteúdos a serem ensinados, que traga marcas de sentimentos e saberes de outras pessoas que possam contribuir para a formação de todos os seres, sem estigmas, sem rótulos.

Se faz necessário abrir os portões e muros das instituições de deixar a sabedoria e sentimentos entrarem, para assim formar pessoas mais justas e que deixem a justiça se mostrar em primeiro lugar.

Neste sentido, o papel fundamental da escola no processo de inclusão social em indivíduos com necessidades especiais segundo Boneti (2007) “não se resume apenas em poder desenvolver neles habilidades essenciais para a conquista de uma maior autonomia, mas também na possibilidade de poder contribuir com a sua evolução intelectual”.

Como corrobora Freire (2011) “ensinar não é transferir conhecimentos, conteúdos, nem formar, é ação pela qual um sujeito criador dar forma, estilo ou alma a um corpo indeciso e acomodado”.

METODOLOGIA

Pesquisa quali-quantitativa versou sobre as opiniões dos 60 estudantes do 1º ao 5º ano da Escola Anchieta Torres de Tuparetama-PE, localizada no distrito de Santa Rita a 22 km da sede, onde os estudantes que são atendidos por essa instituição de ensino residem em sítios próximos e todos eles utilizam a escola como único ponto de encontro, uma vez que moram em comunidades diferentes. Para tanto, a pesquisa buscou captar as ideias que essas crianças estão adquirindo com relação à inclusão do diferente no mesmo espaço educacional que elas e procurando saber quais as opiniões dessas crianças com relação aos colegas que necessitam de acompanhamento educacional especializado. Logo, a pesquisa tem como foco saber se esses estudantes conseguem conviver bem entre si nos espaços de sala de aula e quais as percepções de todos com relação a ter as salas de aula com alunos com deficiência intelectual leve.

Foram disponibilizadas 4 situações nas quais todos terão que apontar suas opiniões e assim será possível analisar quais as concepções trazidas com cada um com relação aos seus saberes de mundo.



As entrevistas aconteceram de maneira individualizada, nas suas salas de aula, onde, um a um os estudantes foram convidados a apontar soluções para as situações apresentadas, de acordo com suas percepções de mundo.

O primeiro questionamento se fez sobre as preferências dessas crianças com relação aos seus vínculos de amizade, foi proposto à situação em que o aluno pesquisado seria responsável por montar um time de futebol. Para tanto, o aluno pesquisado teria que escolher uma criança em uma lista com 5 opções de crianças para participar do time, onde 4 crianças não apresentam nenhuma deficiência e 1 criança tinha deficiência intelectual leve.

No segundo questionamento, o aluno entrevistado teria que escolher uma criança da lista de 5 opções que com certeza faria parte de sua equipe em um trabalho escolar.

O terceiro questionamento se deu através da apresentação de um fato simulado, onde a professora estaria ensinando um novo conteúdo, mas dois alunos (um com deficiência intelectual e outro que não tem deficiência) estão conversando alto e atrapalhando a aula, logo, segundo a opinião do estudante entrevistado, qual deveria ser o posicionamento da professora?

O último questionamento apresentado aos estudantes pesquisados consiste em que eles analisem o seguinte fato: “Uma menina com deficiência mental chegou para estudar na sua sala de aula, ela é quieta e fica sempre sozinha. O que você faria para resolver esse caso?”

RESULTADOS E DISCUSSÕES

Os resultados do primeiro questionamento são apresentados conforme quadro 1.

<i>Questionamento 1</i>			
<i>Situação proposta:</i> Foi dada uma lista com 5 opções de crianças para participar de um time de futebol, onde 4 crianças não apresentam nenhuma deficiência e 1 criança tinha deficiência intelectual leve. “Qual criança você escolheria para seu time?”			
Tipo de Escolha	Total	Respostas mais comum	%
Alunos sem necessidades especiais	42	Terão mais dificuldades de jogar futebol e assim farão com que percamos o jogo.	70%
Alunos com algum tipo de necessidade especial	6	Todos podem ajudar a vencer o futebol, eles também têm o direito de	10%

		participar.	
Ambos os com ou sem necessidades especiais	12	Tanto faz, não há diferença.	20%
Total	60	_____	100%

Observa-se que segundo o quadro 1, das 60 crianças entrevistadas, cerca de 70% escolheram alunos que não possuem nenhuma dificuldade de aprendizagem, 10% escolheram os alunos com deficiência intelectual. No entanto, chamou atenção que 20% dos alunos entrevistados disseram que “tanto faz, não há diferença”.

Quando questionados o porquê das escolhas os alunos alegam muitas coisas entre elas que os alunos com deficiência intelectual terão mais dificuldades de jogar futebol e assim farão com que eles percam o jogo. Outros dizem que esses alunos atrapalham muito e assim seria melhor que eles não estivessem nos seus times.

Já os que escolheram alunos com deficiência intelectual para participar dos seus times afirmavam que eles também têm o direito de participar e podem contribuir para o time.

Interessante ressaltar que os alunos que fazem questão da participação dos alunos com deficiência intelectual no seu time são das series menores, do 1º ao 3º ano, corroborando assim a ideia de que o preconceito e competitividade se acentuam mais à medida que as crianças crescem.

O quadro 2 apresenta os resultados para coletados sobre o segundo questionamento.

<i>Questionamento2</i>			
Situação proposta: Foi dada uma lista com 5 opções de crianças para participar de um trabalho em sala de aula, onde 4 crianças não apresentam nenhuma deficiência e 1 criança tinha deficiência intelectual leve. “Qual criança você escolheria para sua equipe?”			
Tipo de Escolha	Total	Respostas mais comum	%
Alunos sem necessidades especiais	48	Queremos um aluno que não possua nenhuma dificuldade de aprendizagem na equipe.	80%
Alunos com algum tipo de necessidade especial	3	Escolheriam os alunos com necessidades especiais.	5%

Ambos os com ou sem necessidades especiais	9	Disseram que tanto faz, poderia ser qualquer um dos alunos disponíveis.	15%
Total	60	_____	100%

Os resultados apontam que 80% dos pesquisados querem um aluno que não possua nenhuma dificuldade de aprendizagem na sua equipe. Já 5% escolheram o aluno com deficiência intelectual e 15% disseram que tanto faz, poderia ser qualquer um dos alunos disponíveis.

Os entrevistados que escolheram os alunos sem necessidades especiais afirmaram que de modo geral, os alunos com deficiência intelectual atrapalham muito na hora de fazer trabalhos na sala de aula, já que esses não conseguem ajudar a equipe para desenvolver as atividades. Alguns afirmaram que eles podem fazer parte da equipe, que eles podem colocar os seus nomes no trabalho, muito embora eles não consigam ajudar muito no trabalho.

Se percebe que à medida que os alunos adquirem consciência a respeito das diferenças existentes entre eles e que essas diferenças determina o que se consegue ou não, mais se tende a rejeitar e deixar de lado quem as possui.

O quadro 3 apresenta os resultados para os dados coletados sobre o terceiro questionamento.

<i>Questionamento 3</i>			
<i>Situação proposta:</i> Uma professora está ensinando um novo conteúdo, mas dois alunos (um com necessidade especial e outro que não tem deficiência) estão conversando alto e atrapalhando a aula, qual deve ser o posicionamento da professora?			
Tipo de Escolha	Total	Respostas mais comum	%
Os dois alunos devem ser repreendidos.	36	A professora deve mandar os dois alunos para a diretoria e assim serem repreendidos por atrapalhar a aula, sem diferença entre eles.	60%
O aluno com necessidade especial é quem atrapalha a aula.	18	O aluno com deficiência intelectual deve ser retirado da sala por que estar atrapalhando o outro aluno que estava conversando com ele, uma vez que por ter deficiência esse aluno atrapalha mais que os demais.	30%

Nenhum aluno deve ser repreendido.	6	A professora deve esperar um pouco até que a dupla se acalme e assim a aula siga normalmente.	10%
Total	60	_____	100%

Os resultados desse questionamento mostraram que 60% dos pesquisados acreditam que a professora deve mandar os dois alunos para a diretoria e assim serem repreendidos por atrapalhar a aula, sem diferença entre eles. Mas, 30% acreditam que o aluno com deficiência intelectual deve ser retirado da sala por que estar atrapalhando o outro aluno que estava conversando com ele, uma vez que por ter deficiência esse aluno atrapalha mais que os demais. E 10% acreditam que a professora deve esperar um pouco até que a dupla se acalme e assim a aula siga normalmente.

Percebe-se também nesse caso que os estudantes têm intimamente a ideia de que os alunos com deficiência intelectual atrapalham mais as aulas do que os demais alunos. Também se percebe que essa diferença não é tão evidente nas turmas com alunos mais novos.

O quadro 4 apresenta os resultados para os dados coletados sobre o quarto questionamento.

<i>Questionamento 4</i>			
<i>Situação proposta:</i> “Uma menina com deficiência intelectual chegou para estudar na sua sala de aula, ela é quieta e fica sempre sozinha. O que você faria para resolver esse caso?”			
Tipo de Escolha	Total	Respostas mais comum	%
A menina precisa de outra turma.	24	A menina precisa de outra turma, pois ela acaba prejudicando a sala de aula.	40%
A escola deveria chamar os pais da menina.	12	A escola deveria chamar os pais da menina para que eles pudessem ajudar ela, já que eles a conhecem e assim ajudar com mais propriedade.	40%
Convidaria a aluna para seu ciclo de amizade.	24	Convidaria a aluna para que participasse de seus ciclos de amizade, assim incluí-las no grupo.	20%
Total	60	_____	100%



Os resultados desse questionamento seguem o padrão dos demais e corrobora com os resultados obtidos anteriormente, 40% acreditam que deveriam chamar os pais da menina para que eles pudessem ajudar ela, já que eles a conhecem e assim podem ajudá-la com mais propriedade. 20% acreditam que poderiam ajudá-la se convidar para que ela participasse de seus ciclos de amizade, assim poderiam conversar com ela e chegar a incluí-la no seu grupo. 40% acreditam que essa menina precisa de outra turma, pois ela acaba prejudicando a sala de aula.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pesquisa identificou que os estudantes trazem consigo algumas concepções de preconceitos e de discriminação que acaba colocando em foco o papel da escola enquanto formadora de cidadãos críticos e que assim deve intervir em situações que possam mudar as concepções errôneas dos indivíduos com relação às situações vividas.

Caberá a escola enquanto espaço de acolhimento atender a todos os educandos e assim promulgar a ideia de que todos são iguais perante a lei e assim todos devem ter acesso a educação de qualidade tendo suas peculiaridades respeitadas sempre.

Assim, podemos perceber que a discriminação está muito além de palavras e gestos, acredito que ela vem se firmando no decorrer dos tempos com muita força e se fazendo entender em todos os momentos da escola e fora dessa instituição também.

É necessário que o sistema educacional assuma os objetivos da educação com relevância e desperte no aluno o desejo de desenvolver sua autoestima. A escola deve fazer intervenções e oferecer desafios adequados ao aluno com deficiência, além de valorizar suas habilidades, trabalhar sua potencialidade intelectual, reduzir suas limitações que a deficiência proporciona apoiar suas vontades e interesses, bem como prepará-lo para viver uma vida digna como cidadão que sabe e age perante suas dificuldades. Osório (1999) sinaliza que: “A integração não é só da pessoa com deficiência, mas de todas as crianças da escola. Ela tem duas mãos, e não apenas o sentido de adaptação dos alunos com necessidades educacionais especiais.”

REFERENCIAS BIBLIOGRÁFICAS



BRANDÃO, R. C. (1990). **Identidade e etnia: construção da pessoa e resistência cultural**. São Paulo: Brasiliense. Disponível em: <<http://www.uel.br/ccb/psicologia/revista/textov2n13.htm>>. Acesso em: 16. 09. 2017.

BERGIER, C. Revista Super Interessante. Disponível em: <<https://super.abril.com.br/saude/a-doenca-de-ser-normal/>>. Acesso em 16.09.2017.

BONETI, R.V.F. **O Papel da Escola na Inclusão Social do Deficiente Mental**. In: Mantoan, M.T.E. org. **A Integração de Pessoas com Deficiência: contribuições para reflexão sobre o tema**. Editora Memnon, São Paulo, 1997. Disponível em: <http://www.aprendizagemniversidade.ufc.br/documentos/inclusao_escolar/o_papel_da_escola_n_a_inclusao.pdf>. Acesso em 14.09.2017.

Endereço eletrônico - Disponível em: <<https://www.lexico.pt/animosidade/>>. Acesso em 15.09.2017.

GOFFMAN, E. **Estigma: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada**. Rio de Janeiro: Guanabara, 1988.

LOPES, F. R. **Inclusão: Para além da Formação e da Legislação uma Prática Social**. Palestra realizada no Seminário de Formação de Educações da APAE de Tocantinópolis, maio de 2008. Disponível em: <http://www.pucpr.br/eventos/educere/educere2009/anais/pdf/1955_1204.pdf>. Acesso em 15. 09. 2017.

LOURO, Guacira Lopes. **Gênero, sexualidade e educação**. Petrópolis, RJ Uma perspectiva pós-estruturalista. Vozes, 2012.

MANNING, A. S. **O desenvolvimento da criança e do adolescente: guia prático para auto-instrução**. 5 ed. São Paulo: Cultrix, 2000.

OSÓRIO, **Inclusão e Integração**. Jornal do MEC, Brasília, Ano XI, no. 7, p.9. Disponível em: <<http://www.hottopos.com/videtur13/edna.htm>>. Acesso em 18.09.2017.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia: Saberes Necessários à Prática Docente**. São Paulo. Paz e Terra. 2011.